

## TEMPOS DO TEMPO

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo\*

“Que é o tempo? Não houve, pois, tempo algum em que nada fizestes, pois fizeste o próprio tempo. E nenhum tempo pode ser coeterno contigo, pois és imutável; se, o tempo também o fosse, não seria tempo. Que é, pois, o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a idéia com palavras? E, no entanto, haverá noção mais familiar e mais conhecida usada em nossas conversações? Quando falamos dele, certamente compreendemos o que dizemos; o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei. Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou? Quanto ao presente, se continuasse sempre presente e não passasse ao pretérito, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente, para ser tempo, deve tornar-se passado, como podemos afirmar que existe, se sua razão de ser é aquela pela qual deixará de existir? Por isso, o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência para não existir”. (Santo Agostinho, *Confissões*).

---

\* Professor de Geografia do Magistério Público do Distrito Federal; doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (UNESP-Rio Claro/SP); membro do Comitê Acadêmico da Geodialogos: Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia. Correio eletrônico: [gcca99@gmail.com](mailto:gcca99@gmail.com)

## Tempo I

Palavras ao vento, levadas para o além-mundo  
Porque você tempo, não há de ter minha ojeriza  
Muito menos terás, areia do infinito, minha gratidão  
Consegui vencê-lo, superá-lo, enfim, esquecendo-o  
Na chave deste esquecimento, encontro a eternidade  
Entre o sem-fim de acasos e descasos desta divindade  
As almas completadas, o uno inteiro do diverso  
O pleno, a absurdidade, o ser que lá, agora, habita

## Tempo II

Olvidado dios de las horas  
silencioso, en sus pasos  
ha hecho milagros  
jugado desgracias  
a nosotros, mortales

Hizo temprano el llanto  
también, así fue las sonrisas  
no ha dado opiniones  
a los acontecimientos  
por lo que te olvido  
casa de luz y tinieblas

En su cantera,  
vacía y hueca  
las flores de la eternidad se abren  
¡Sí! en las fresas de estos desencuentros  
me traen la luz y la completitud en este mundo

## Tempo III

Então, peço ao tempo

– Pare, por favor, com esse memento

As rodas dos seus caprichos já mostraram

o quão grande é o seu poder

hilariando os meus quereres

consternando os voveres

Não possuo a força de Kairós

perante o arraste dos dias e horas

tudo tão rápido, lenta pressa ansiosa

age como o mais temido dos facínoras

traz a esperança, outrora graciosa

E, peço de novo, divindade agridoce

– Pare, com as peripécias de sua roldana

Ajo de forma eloquente

Jazo em paz, à tua espera

em euforia irrepreendida

ou na perda quietude máxima

venha até mim como um dançante

do outro lado do rio dos acontecimentos

já estarei rendido, à tua espera

rumo às penumbras do nada

imerso na incompreensão do todo

Rogarei, pela última vez

– Não pare, quando tiver que vencer

## Tempo IV

Desconhecemos  
o real poderio das três faces,  
indiferenças em tácita transparência  
impávidos são seus desideratos interiores  
desimportantes estórias perpassadas no crivo  
fios perdidos na massa insólita das justaposições  
querer-se-á, sempre, ser galardoado com o extraordinário  
pura presunção do ego em escarcéu para um mundo esquizofrênico

Do alto do trono, a poeira em montes descomunais  
o sopro da insignificância resiste como brilho dos camafeus  
ilusões de espessura acompanham o ciclo da mandala decídua  
tantos termos lançados aos ermos campos dos significantes  
melhor teria sido guardar o remanso comedido  
com hilaridades e soturnidades acumuladas

O lamento pelo sido  
e pressa no ainda a ser vivido  
de nada adiantarão,  
noctâmbulo pêndulo  
até que a mudez não seja uma escolha  
quando a palavra e gesto cessarem  
e o reino da quietude elevar-se  
do prelúdio das eras  
aos fragmentos do epílogo  
nos devolvendo, finalmente  
à inexistência tão temida

Permaneceríamos à deriva  
como rebentos privados do arbítrio  
habitantes da indeterminação vital  
nas paredes internas  
do ovo não concebido  
trêmula e ofegante  
a pura potência

